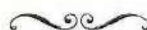


Duas asas, porém, na rota em que flutuas,
Sustentam-te, no Espaço, impassíveis e cruas,
Nenhuma alteração que, leve, as entrecorte.

Libram com Deus e a Vida, em suprema conquista...
Tribos, povos, nações... Nada que lhes resista...

14 Uma — a clava do Tempo; outra — a sega da Morte!



mente em versos. Exerceu a advocacia no Rio e, depois, em S. Paulo. Foi também romancista. (Maranguape, Ceará, 15 de Março de 1874 — S. Paulo, 2 de Junho de 1934.)

BIBLIOGRAFIA: Lyriss, poemeto; Poesias; etc.

5. Leia-se com hiato: *Na/ ur/na*.

8. Aliteração em s.

14. Observe-se a semelhança de estilo, só pelo primeiro quarteto da jóia de 14 versos que começa com "Noute, abrigo dos maus! Trevas, calmos ensombros", dedicado a Samuel Porto:

"Noute, abrigo dos maus! Trevas, calmos ensombros
Do covarde, do nu, do triste e do cansado;
Enche d'alma arruinada os sórdidos escombros
Com a mudez funeral de túmulo fechado!"

(*Apud Pan. IV*, pág. 243.)

José FÉLIX Alves PACHECO *



ALÉM

DA

NOITE

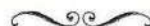
Dos corações clamando agonia e desterro,
Desce o orvalho do pranto em fel da desventura...
A saudade a chorar dita a rota do enterro,
Mas o túmulo em si é breve noite escura...

A alma, divino sol no corpo — escrínio perro —,
Jóia viva a brilhar além da sepultura,
Lucila a esmorecer, sob as tenebras do erro,
Ou cresce a refulgir, se ascende bela e pura.

(*) Jornalista emérito, exerceu a profissão, desde moço até a desencarnação, no *Jornal do Commercio*, do Rio, folha de que chegou a ser diretor-proprietário. Foi ainda historiador, ensaísta, deputado federal, senador e Ministro das Relações Exteriores do Brasil. Pertenceu a inúmeras associações e ocupou a cadeira nº 16 da Academia Brasileira de Letras. Poeta dos mais delicados, «figura, em primeiro plano, entre os maiores vultos que o Piauí legou ao Brasil» (*apud Félix Pacheco*, pu-

Onde vá, todo ser caminha lado a lado
Da luz cantando sempre o amor profundo e ardente
Ou da sombra transfeita em pavoroso mito;

A deixar cada dia o crisol do passado,
Vai e vem, a sofrer, no esmeril do presente,
Para estampar-se, enfim, nos troféus do Infinito!



blicação do *Jornal do Commercio*, pág. 5). (Teresina, Piauí, 2 de Agosto de 1879 — Rio de Janeiro, Gb, 6 de Dezembro de 1935.)

BIBLIOGRAFIA: Amores Alvos; Poesias; Lírios Brancos; Descendo a Montanha; etc.

CIRO COSTA *



FASCINAÇÃO

Atravessara, aflito, os umbrais do outro mundo
E, ao erguer-se da lousa, exânime, febreiro
No sepulcro imagina o suntuoso aposento
Onde, a sós, afagava o tesouro infecundo.

— “Meu dinheiro!” — reclama, exasperado e atento.
6 — “Ouro! Meu ouro só! Por nada me confundo!
Ladrões! Quem me furtou?” — esbraveja iracundo,
Em largo desafio aos sarcasmos do vento.

(*) Depois de formar-se em Direito pela Faculdade de S. Paulo, o artista de «Pai João» viajou pela Europa e pelo Oriente, chegando a visitar a Índia e o Egito. Residiu por algum tempo no Rio de Janeiro. Juntamente com Olavo Bilac, Martins Fontes e outros intelectuais, fundou a «Sociedade dos Homens de Letras do Brasil». Colaborou nas revistas paulistas da época, dentre elas *A Cigarra* e *A Vida Moderna*. Eleito para a Academia Paulista de Letras, não chegou a tomar posse. «Ciro Costa era uma irradiação larga, amplíssima de talento e de simpa-